

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 10a, Hebreus 1 1:1-12:3: Fé em Ação (Parte 1)

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Hebreus 10:39 introduz a fé como um valor-chave a ser incorporado se alguém busca preservar sua vida ou sua alma. O autor parte deste ponto para desenvolver o que a fé parece em ação, de modo a dar mais orientação à sua congregação sobre a qualidade que é mais do que qualquer outra para definir suas vidas e guiar seus passos. Os esboços do argumento de Hebreus frequentemente diferem quanto ao ponto de transição do conteúdo de Hebreus 11 para o conteúdo de Hebreus 12.

Qualquer linha de demarcação ali será um tanto artificial, até porque as quebras de capítulo foram introduzidas séculos depois. Eu sugeriria, no entanto, que pelo menos não pensemos em Hebreus 11:1 a 40 como o bloco discreto de texto sobre fé, mas sim que estendamos isso para Hebreus 12 versículo 3, enquanto admitimos que Hebreus 12:1 a 3 também fornece uma transição perfeita para o que se segue. O ponto, no entanto, é que 12 1 a 3 é o clímax na série de exemplos de fé em ação porque é onde encontramos o exemplo de Jesus, a quem o autor chama de pioneiro e consumidor da fé, em cujo exemplo vemos cristalizados muitos elementos dos exemplares de fé que percorrem o capítulo 11.

Hebreus 12:1 a 3 também fornece uma forte exortação conclusiva ao material do capítulo 11. Hebreus 11:1 a 12 3 é essencialmente uma lista de exemplos, e se assemelha significativamente a outras listas de exemplos antigas, especialmente aquelas compostas no contexto de tentar persuadir os ouvintes a imitar os tipos de comportamentos ou práticas vistos nesses exemplos ou evitar os vícios e erros vistos nas pessoas que povoam essas listas de exemplos. Se fôssemos recorrer, para efeito de comparação, ao livro de Sêneca Sobre os Benefícios, onde nos livros 3 e 5 encontraríamos duas dessas listas de exemplos que se assemelham à lista de exemplos em Hebreus 11:1 a 12:3, encontraríamos Sêneca usando o recurso chamado anáfora como um meio de estruturar essa lista.

Anáfora é uma figura de linguagem pela qual um autor ou um orador repetidamente começa frases com a mesma palavra ou frase, marcando cada novo passo no discurso. Em Hebreus, esta é a frase, pela fé, ou em grego a única palavra, piste , que aparece mais de uma dúzia de vezes no curso de 11:1 a 12:3. As listas de exemplos de Sêneca também têm declarações resumidas perto de suas conclusões, declarações sobre o fato de que há inúmeros outros que poderiam ser nomeados, mas ficarei sem tempo se tentar nomeá-los. O autor de Hebreus usa esse mesmo recurso no início do versículo 11, 32, onde ele diz, o tempo me faltaria para contar uma série de outros exemplos de fé, aos quais ele então faz a mais breve das referências.

Também, encontra-se nas listas de exemplos de Sêneca exortações conclusivas para imitar os exemplos positivos, o mesmo tipo de coisa que marca Hebreus 12:1 a 3. Tendo uma grande nuvem de testemunhas nos cercando, vamos também correr a corrida. O chamado capítulo da fé de Hebreus, então, se propõe a demonstrar a louvável dignidade dos exemplos de fé. O fato de Noé, Abraão e Moisés, por exemplo, terem sido lembrados todos esses séculos prova ao público que o caminho da fé é de fato o caminho para receber o testemunho de caráter de Deus de que a vida de uma pessoa foi vivida honrosamente e alcançar uma lembrança louvável.

Isto é particularmente importante, considerando as maneiras pelas quais se juntar à comunidade de fé destruiu a honra do ouvinte e as chances de uma lembrança louvável entre seus vizinhos. As pessoas apresentadas como exemplos em 11:1 a 12:3 também descrevem como a fé se parece em ação. Vários, mais notavelmente Abraão, Moisés, os mártires e Jesus, parecem ressoar pontualmente com a própria experiência passada e escolhas do público no capítulo 10, versículos 32 a 34.

Ou seja, o autor selecionou e moldou seus exemplos de fé para abordar a situação específica de seus ouvintes e para apoiar sua exortação a continuar em frente diante da reprovação, vergonha, perda e hostilidade. Esta é uma ladainha daquelas pessoas que, por meio da fé e da paciência, herdaram as promessas como o autor prefigurou em Hebreus 6 versículo 12, preenchendo assim a imagem do modelo que o autor levantou para a imitação do destinatário. Podemos fazer algumas observações gerais sobre como o autor de Hebreus descreve a fé nesta seção antes de entrar nos detalhes do texto.

Primeiro, as pessoas que demonstram confiança ou fé anseiam pela recompensa de Deus e pela realização das promessas e admoestações de Deus. Segundo, elas se orientam para sua vida neste mundo totalmente com base em seu conhecimento do futuro de Deus. Terceiro, elas fazem suas escolhas com base em qual curso é conveniente para atingir os benefícios prometidos por Deus, mesmo que esse curso de ação signifique perda de status temporal, pátria, honra, riqueza e até mesmo a própria vida.

Nenhuma dificuldade os impede de perseguir o objetivo que Deus estabeleceu para eles. Se o caminho da lealdade e obediência a Deus lhes traz fama ou descrédito, libertação ou tormento, esse é o caminho que eles seguem nesta vida. Eles consideram este mundo apenas a terra de sua peregrinação, olhando sempre para a cidade e pátria que Deus preparou para seu povo, o reino inabalável, a cidade com fundações que não podem ser abaladas.

Eles vivem consistentemente aqui para não comprometer suas boas-vindas lá. O autor abre seu encômio sobre fé com uma definição do que é fé. Fé é a substância das coisas esperadas, a prova das coisas não vistas.

Pois por meio disso, os anciãos receberam atestação. O autor aqui tenta não uma definição abrangente, mas uma definição que focalizará os ouvintes nos elementos de confiança ou fé, que são centrais para a exortação do autor. Como ponto de partida, ele destaca a orientação da pessoa fiel em direção às coisas esperadas e invisíveis, aspectos de viver pela fé que emergem repetidamente nos exemplos de fé que se seguem.

Na primeira metade da definição, o autor usa a palavra grega hypostasis. Fé ou pistis, confiança, é a hypostasis das coisas esperadas. Na linguagem filosófica, a palavra hypostasis pode significar a substância ou a essência subjacente de algo.

Hebreus 1:3 reflete algo desse sentido, chamando Jesus de reflexo da hipóstase de Deus, o próprio ser de Deus, o caráter e a substância essenciais de Deus. Na linguagem jurídica ou comercial cotidiana, no entanto, hipóstase também pode designar um título de propriedade ou garantia, como atestado por vários papíros, bem como textos clássicos. Se for ouvida nesse sentido, a definição de fé em 11.1 também fala diretamente da perda de propriedade dos crentes por causa de sua lealdade a Cristo e ao grupo cristão mencionado em 10.34. Ambos os sentidos de hipóstase ressaltam a impressão de que a definição não é subjetiva, tentando explicar como a fé se sente, por exemplo, uma sensação de certeza de coisas esperadas, nem sobre uma convicção mental de que a fé produz, por exemplo, uma firme convicção sobre coisas invisíveis.

Em vez disso, a definição busca revelar o que confiança ou fé é em si e por si e, portanto, o significado de ter fé ou confiar. Aqueles que confiam têm em sua posse, com efeito, o título de propriedade do que a pessoa em quem confiam fornecerá. Eles já têm a essência subjacente do bem futuro que estão esperando.

A definição é calculada para motivar os ouvintes a manterem sua confiança nas promessas de Deus em vez de perder tudo por desconfiança, como aconteceu com a geração do deserto. Na segunda metade desta definição de fé, o autor usa a palavra elenchos. Fé é o elenchos das coisas não vistas.

Esta palavra significa um fato irrefutável ou necessário. É um dado que não pode ser anulado pela oposição e que estabelece o caso de alguém no tribunal de justiça ou na câmara do conselho. Como pistis, a palavra que normalmente traduzimos como fé ou confiança também tinha o significado de prova nos tribunais de justiça, a segunda metade da definição carregaria um significado natural no contexto desta argumentação também.

Prova é o estabelecimento, sem sombra de dúvida, de coisas que ninguém no júri realmente viu, mas sobre as quais eles devem agora dar um veredito, ou o estabelecimento, sem sombra de dúvida, de coisas que o público na câmara do conselho ainda não viu, mas deve planejar com antecedência. Nessa definição,

encontramos um tipo de relação recíproca entre confiança e essas realidades ainda não vistas. Sem confiança, estas últimas nunca se materializam, enquanto que pela confiança, a realidade desses bens ainda não vistos é demonstrada no aqui e agora.

Há também uma certa relação sendo construída aqui entre a fé em 11, versículo 1, e a discussão do autor sobre esperança no capítulo 6, versículos 19 e 20. A fé aqui é o título de propriedade da herança eterna. Em 6, 19 a 20, a esperança é a corda que liga alguém ao porto eterno.

Dessa forma, tanto a fé quanto a esperança orientam os ouvintes a se apegarem ao que agora têm em Cristo e ao seu relacionamento com Cristo como a primeira parte, ou o pagamento inicial, se preferir, do que é garantido que virá se eles se apegarem ao que agora está ao seu alcance, ou seja, fé e esperança. Confiança ou fé é o começo de algo em que a posse e o desfrute plenos são o fim. Em Hebreus 3.14, o autor disse que os crentes permanecem, entre aspas, parceiros de Cristo se mantivermos firme a primeira parcela da hipóstase até o fim.

A primeira parcela da essência desses bens prometidos firmes até o fim. O que o autor quis dizer em 3:14 é reforçado agora e um tanto esclarecido por esta definição de confiança. Se possuímos fé e demonstramos confiança em relação a Deus, temos o título de propriedade e a essência daquilo que esperamos.

Porque Deus é completamente confiável, Deus cumprirá em entregar o que Deus prometeu. Se temos esperança, já estamos ancorados e amarrados naquele reino permanente que esperamos ainda entrar. No segundo versículo deste capítulo, o autor rapidamente segue sua definição de fé com uma afirmação de que a fé é o caminho para ganhar atestado, martúria, pois por isso, pela fé, os presbíteros receberam atestado ou aprovação.

O estudo de Frederick Donker sobre inscrições para benfeitores revela o uso frequente de martúria e o grupo de palavras construído em torno de martúria para expressar o endosso das autoridades romanas de uma pessoa que uma assembleia local desejava homenagear. Representava a afirmação da autoridade de que o candidato era de fato digno de receber honrarias e era politicamente confiável. Formas do verbo martúria aparecem aqui no capítulo 11 nos versículos 2, 4, 6 e novamente em 39.

Essa recorrência sugere que o autor deseja muito enfatizar que a perseverança na fé resultará em um reconhecimento semelhante dos destinatários perante a corte de Deus, um testemunho de seu valor e uma concessão de honra eterna. Em Hebreus 11, versículos 3 a 7, o autor traz vários exemplos de fé exibidos em relação a questões antes do dilúvio ou pessoas que viveram antes do dilúvio. Então, no versículo 3, ele escreve, por confiança, consideramos que as eras foram

estabelecidas pela Palavra de Deus para que o que é visível tenha surgido a partir de coisas indisponíveis à experiência sensorial.

Hebreus 11:3 afirma a dependência final do visível sobre o invisível e, portanto, a superioridade e a supremacia do reino invisível. O reino visível é contingente e, portanto, menos valioso e duradouro do que o reino invisível. Este versículo também pode servir para tornar a criação visível uma espécie de prova para o reino invisível do qual ela surgiu.

A lógica seria que a causa também deve existir se o efeito existe. Isso é parte da tentativa contínua do autor de motivar os destinatários a continuarem a colocar sua esperança e buscar seu lar naquele reino permanente, duradouro e definitivo além da realidade visível. Este reino invisível será um foco importante de muitos exemplares de fé ao longo deste capítulo.

A fé leva em consideração as realidades invisíveis e futuras enquanto a fé traça seu curso de ação. Este tema aparecerá aqui nos versículos 3, 7, 10, 15, 20, 22, 26 e 27, e finalmente no versículo 35. Os heróis da fé fazem as avaliações e escolhas adequadas somente porque são capazes de ver além do mundo visível, material e sensorial.

No versículo 4, o autor apresenta o exemplo de Abel como um exemplo de fé. Pela fé, Abel ofereceu um sacrifício maior do que Caim, através do qual ele foi atestado como justo, Deus dando testemunho ao lado de suas ofertas, e através disto, embora morto, ele ainda fala. Houve uma quantidade razoável de especulação durante o período do segundo templo sobre o que tornou o sacrifício de Abel melhor do que o de Caim na estimativa de Deus.

Já encontramos isso na tradução da Septuaginta do Gênesis hebraico, onde o tradutor da Septuaginta insere algo como uma explicação para o porquê da oferta de Caim ter sido rejeitada. Lemos lá que se você, Caim, tivesse oferecido corretamente, mas não tivesse dividido corretamente, você não estaria pecando, estaria? A especulação sobre a relação das qualidades morais de Abel e Caim com a aceitabilidade de suas respectivas ofertas também é bem atestada. Por exemplo, nas Antiguidades de Josefo, quando ele escreve sua paráfrase expansiva sobre os capítulos iniciais do Gênesis.

Para o autor de Hebreus, é a presença de confiança ou fé que torna o sacrifício de Abel maior que o de Caim, o que também leva Abel a desfrutar daquela realidade que ele confia que Deus proverá, ou seja, a vida após a morte. O próprio Gênesis não chama Abel de justo ou reto, mas *dikaios*, a palavra grega *dikaios*, se torna um epíteto comum para Abel e uma descrição frequente de seu estilo de vida durante o período do segundo templo e sua literatura. O autor compartilha essa tradição de atribuir justiça ou retidão a Abel.

Em Gênesis 4, lemos sobre o sangue de Abel clamando a Deus do chão. Esta é uma espécie de versão bíblica do ditado, assassinato sair, em vez de uma sugestão da existência contínua de Abel depois que ele foi morto por Caim. O autor de Hebreus, no entanto, interpreta isso como um sinal de que Abel, embora morto, ainda vive além da morte e tem a capacidade de falar.

Abel se torna o primeiro exemplo de alguém que, pela fé, vive além do túmulo, assim como todos os que confiam em Deus viverão. Tanto o exemplo de Abel quanto o exemplo de Enoque logo a seguir ressaltam que viver pela fé leva à transcendência da morte, um tema que ecoará por todo o restante deste encômio. Nos versículos 5 e 6, o autor avança no tempo para o exemplo de Enoque enquanto escreve, pela fé, Enoque foi transladado para não ver a morte, e ele não foi encontrado porque Deus o transladou.

Pois antes da transladação, ele foi atestado como agradável a Deus, e sem fé é impossível ser agradável, pois é necessário que aquele que se aproxima de Deus confie que Deus existe e que Deus se torna um recompensador para aqueles que o buscam. No texto hebraico de Gênesis 5, versículos 22 e 24, obtemos um pequeno pedaço de informação sobre a figura elusiva de Enoque. Lá, lemos que Enoque andou com Deus após o nascimento de Matusalém, 300 anos atrás.

Enoque andou com Deus, mas ele não estava mais lá porque Deus o havia levado. Mais uma vez, a tradução da Septuaginta intervém no processo interpretativo entre a composição original de Gênesis e o autor da interpretação hebraica dessa história. A versão da Septuaginta traduz andou com Deus em hebraico como agradou a Deus, e assim na versão da Septuaginta, depois de agradar a Deus por 300 anos, Enoque não foi mais encontrado porque Deus o traduziu.

Assim como com Abel, o autor de Hebreus agora insere a qualidade da fé na história de Enoque. Esta é a qualidade que leva alguém ao desfrute da vida além da morte e além deste reino visível, tal como Enoque tinha a reputação de ter desfrutado. Seguindo a tradição da Septuaginta, o autor de Hebreus fala de Enoque sendo agradável a Deus.

Formas desta palavra continuarão a reverberar conforme a exortação continua. Nós a encontraremos novamente em 12:28 e então em 13 versículos 16 e 21. O autor está promovendo agradar a Deus como um valor primário para o crente, um que traz a recompensa de atravessar da morte para a vida.

Isso se encaixa bem em sua estratégia de separar os cristãos da opinião e aprovação de pessoas de fora, o que os afastaria dos apegos ao grupo, concentrando-os mais completamente na aprovação de Deus, o que os leva a comportamentos que sustentam o grupo e promulgam os valores do grupo cristão. Em 116, o autor intercala um breve comentário sobre seu retrato do exemplo de Enoque,

respondendo à pergunta: o que é necessário para agradar a Deus? O autor identifica confiar que Deus existe e confiar que Deus se torna um recompensador daqueles que o buscam como pré-requisito para agradar a Deus. O autor aqui reflete muito um contexto patrono-cliente para entender a confiança ou a fé, olhando e contando com Deus como alguém cujo favor vale a pena buscar e cujo favor, quando concedido, pode ser contado para ser entregue.

No versículo 7, o autor passa para seu último exemplo pré-diluviano. Pela fé, Noé, sendo avisado sobre eventos ainda não vistos e respondendo reverentemente, preparou uma arca para a salvação de sua casa, por meio da qual ele condenou o mundo e se tornou um herdeiro da justiça que vem com a confiança. Noé é apresentado em Gênesis 6-9, especialmente na versão da Septuaginta, como justo, dikaios e agradável a Deus.

Novamente, usando aquela palavra relativamente incomum, para ser bem agradável a, eiuu erestese . O autor se refere, é claro, ao aviso sobre a vinda do dilúvio e à obediência reverente de Noé na construção de uma arca que estava totalmente atracada em doca seca na época. Avisado por Deus sobre alguns eventos futuros inteiramente indisponíveis aos sentidos e experiências de Noé, Noé, no entanto, confiou na palavra de Deus e agiu de acordo.

Porque ele traçou seu curso à luz dessas realidades futuras invisíveis, ele e toda a sua família ganharam segurança e salvação. O autor faria sua congregação ver sua situação como análoga à de Noé. Outro dia de julgamento está chegando, o dia do julgamento final e o abalo cataclísmico e escatológico dos elementos que removerão os céus e a terra visíveis.

Eles devem, portanto, como Noé, focar em como se preparar para discernir o que é verdadeiramente conveniente na situação presente. Como Noé, eles são chamados a fazer o que seus vizinhos podem considerar tolo no tempo presente porque o que o futuro dia do julgamento mostrará ter sido o curso de ação mais sábio ainda não foi revelado. Em Hebreus 11 versículo 8, o autor chega a Abraão como um exemplo de fé.

Este é o primeiro exemplo substancialmente desenvolvido neste encômio, que, portanto, exige atenção especial dos ouvintes. A história de Abraão é particularmente moldada para enfatizar, primeiro, a postura da pessoa de fé em relação às estruturas sociais deste mundo e, segundo, a qualidade prospectiva da confiança. E então lemos, pela fé, Abraão, sendo chamado para ir para um lugar que ele estava prestes a receber como herança, obedeceu, e ele saiu, embora não soubesse para onde estava indo.

Pela fé, ele peregrinou na terra da promessa como se estivesse em uma terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, co-herdeiros da mesma promessa, pois ele

estava esperando a cidade que tem fundamentos, cujo artesão e construtor é Deus. O autor não enfatiza aqui a confiança de Abraão no cumprimento de Deus da promessa de descendência como a peça central de sua fé, como Paulo se concentraria em Gálatas 3 ou Romanos 4. Em vez disso, o autor se concentra na disposição de Abraão de deixar sua terra natal para trás em obediência ao chamado de Deus.

Pessoas de fé deixam voluntariamente suas raízes confortáveis em sua terra natal para seguir o chamado e a promessa de Deus, aceitando o status de estrangeiros e estrangeiros em qualquer local terrestre. O autor apresenta isso como uma escolha deliberada da parte de Abraão para abraçar uma perda de status e responsabilidade para desonra e perigo, uma vez que os peregrinos desfrutavam consideravelmente menos proteções no mundo antigo. E Abraão, é claro, faz tudo isso por uma questão de obediência ao chamado de Deus.

O público acharia a disposição do patriarca de abraçar um status inferior aos olhos do mundo imediatamente relevante para sua própria situação. Eles também, como Abraão, tiveram que deixar, em certo sentido, sua terra natal para trás. Eles podem não ter se removido fisicamente de sua terra natal como fez Abraão, mas eles se removeram socialmente de um lugar de estar em casa.

E assim, eles encontram em Abraão um exemplo adequado para o que eles mesmos fizeram, abraçando, por causa da fé, um status inferior aos olhos do mundo na esperança de maior honra na cidade eterna de Deus. De acordo com o autor, Abraão não estava, em última análise, olhando para Canaã, a tradicional terra prometida, como sua herança. Este foi para ele o significado de Abraão viver em tendas, mesmo depois de entrar em Canaã, e proclamar mesmo durante esse tempo que ele ainda era um peregrino e um estrangeiro.

Durante todo o seu tempo em Canaã, o autor afirma, Abraão ainda estava procurando por uma pátria melhor, entendendo a pátria celestial permanente, a cidade com fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus, como o verdadeiro objeto da promessa de Deus a ele e a seus descendentes. O autor entende a promessa de Deus a Abraão, em última análise, como a promessa do descanso celestial que os cristãos também devem continuar se esforçando para entrar. Os destinatários são, portanto, de fato, co-herdeiros da mesma promessa, um ponto que o autor tornará explícito nos dois versículos finais do capítulo 11.

À medida que o autor continua a desenvolver o exemplo de Abraão, ele chega ao aspecto mais familiar de Abraão e Sara gerarem herdeiros bem depois da idade de ter filhos. Pela fé, a própria Sara sendo estéril, ele recebeu poder para procriar, e muito depois da idade, pois ele considerou aquele que havia prometido ser confiável. Portanto, de uma pessoa foram gerados, e estes de um homem morto, descendentes

tão numerosos quanto as estrelas do céu e como a areia inumerável ao lado da praia do mar.

O autor introduz aqui a faceta da fé de Abraão, que será mais familiar para um público paulino, a saber, o poder de Abraão receber para gerar filhos diante da esterilidade de Sara e sua própria idade avançada porque Abraão considerou confiável aquele que prometeu. O idioma poder para gerar é comumente atestado como uma referência especificamente à contribuição masculina para a concepção. Assim, Abraão ainda está principalmente em vista.

O autor também relembra aqui o que ele havia dito recentemente no capítulo 10 , versículo 23, onde ele havia exortado os ouvintes a se apegarem à confissão de sua esperança pela mesma razão porque aquele que prometeu é confiável. Nesta parte do exemplo de Abraão, o autor afirma que a vida, na forma de incontáveis descendentes, veio de alguém que havia morrido. A tendência de traduzir este versículo como algo mais como de alguém que era tão bom quanto morto dá um passo para trás da linguagem austera do grego, em que Abraão é simplesmente descrito como alguém que havia se tornado morto ou sem vida, elevando assim o poder de Deus de trazer vida dos mortos.

O surgimento de gerações da morte das partes procriativas de Abraão ecoa os exemplos anteriores de Abel e Enoque transcendendo a morte e será ecoado ainda mais nos versículos 19 e 35 conforme este encômio continua. Esta ênfase apoia o objetivo do autor de motivar os ouvintes a olhar além de suas circunstâncias presentes, até mesmo além desta vida em si, para a recompensa que Deus prometeu. Nem mesmo a morte é suficiente para impedir a entrega de Deus de seus benefícios prometidos àqueles que confiam nele.

Neste ponto de seu encômio, o autor intercala um comentário sobre os exemplos de Abraão e dos patriarcas, que estão essencialmente no mesmo barco que Abraão, a saber, Isaque, Jacó e os filhos de Jacó, que continuam a viver como peregrinos em uma terra que não é deles. Como comentário, esses versículos são especialmente importantes para discernir os objetivos do autor para sua lista de exemplos. É isso que ele não quer que os ouvintes percam.

Todos estes morreram em um estado de confiança, não recebendo os bens prometidos, mas vendo-os e saudando-os de longe e confessando que eram estrangeiros e estrangeiros residentes na terra. Pois as pessoas que dizem tais coisas mostram que estão buscando uma pátria, e se tivessem em mente aquela terra de onde saíram, teriam tido uma oportunidade de retornar. Mas agora eles buscam uma pátria melhor, isto é, uma pátria celestial.

Portanto, Deus não se envergonha deles de ser chamado seu Deus, pois ele preparou uma cidade para eles. A confissão feita por esses patriarcas, tanto com seus lábios

quanto com suas vidas, é especialmente importante para o autor, a saber, que eles eram estrangeiros e peregrinos na terra. Esta confissão é uma amálgama de Gênesis 23, versículo 4, e Gênesis 24, versículo 37.

Então, o autor está de fato voltando ao discurso real dos patriarcas, onde na primeira passagem, lemos, Eu sou um estrangeiro e residente estrangeiro entre vocês, e na segunda, Eu estou vivendo como um estrangeiro em sua terra. Em sua terra é entendido por nosso autor como sobre a terra, em contraste com um país celestial, o principal interesse do autor. É especialmente importante para o autor que os patriarcas não tenham voltado para a terra natal e para a cidadania que eles deixaram para trás quando aceitaram o chamado de Deus e partiram em confiança.

Em vez disso, eles persistiram em suportar o status inferior de estrangeiro e residente estrangeiro, abraçando esse status até suas mortes, em vez de desistir de sua busca pela pátria que Deus forneceria e buscar recuperar seu lugar em sua terra natal. Filo de Alexandria, aquele exegeta judeu do primeiro século, mostra uma ênfase semelhante em seu tratamento de Abraão. Para ambos os autores, Abraão se torna um exemplo de perseverança e comprometimento para atingir o fim que Deus promete.

Isto é, claro, imediatamente relevante para os destinatários de Hebreus que sofreram deslocamento e deslocamento social, alguns dos quais já começaram a se separar do grupo cristão que viaja em direção às promessas de Deus e a voltar para o seio da sociedade. Eles não podiam mais suportar viver no status inferior e no nível inferior de aceitação social para o qual seu compromisso com Cristo os trouxe. O autor aqui espera reforçar o compromisso dos destinatários restantes de fazer como Abraão e os patriarcas fizeram, perseverando na jornada para longe de sua terra natal neste breve cosmos material em direção à pátria eterna que Deus preparou para eles.

Por que um país celestial também é um país melhor? Por causa da confiança dos patriarcas nas promessas de Deus e sua sábia avaliação de qual curso de ação é, em última análise, conveniente, eles reconheceram o que o autor espera que seus destinatários reconheçam: o que pertence ao reino de Deus é eterno. Portanto, os bens a serem desfrutados lá valem infinitamente mais do que os bens que podem ser desfrutados no país terreno e nas cidades terrenas nas quais os cristãos habitam. Por causa da sabedoria dos patriarcas, uma sabedoria que o autor espera que seus destinatários continuem a imitar, Deus não tem vergonha de eles serem chamados de seu Deus.

Aqui, o autor se refere à identificação de Deus de si mesmo como o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Este é o testemunho de Deus aos patriarcas como pessoas dignas de serem identificadas intimamente com o próprio nome de Deus. Poderíamos comparar isso com uma declaração anterior em Hebreus 2 versículo 11,

onde também foi dito que Jesus não tinha vergonha de chamar os crentes de suas irmãs e irmãos.

Aqueles que confiam em Deus e percebem o valor insuperável das promessas de Deus recebem atestado divino para sua honra através da associação aberta de Deus, ou de Cristo, com eles, uma associação que eventualmente levará à chegada da pessoa confiante ao objetivo divinamente designado, pois Deus preparou uma cidade para eles. Como Abraão, os destinatários deixaram para trás sua terra natal e status em sua cidade natal para seguir o chamado de Deus e alcançar os benefícios prometidos por Deus. Embora não tenham se mudado fisicamente, eles foram pelo menos socialmente removidos por meio de sua experiência de degradação aberta.

Os patriarcas rejeitaram a opção de retornar à sua terra natal, isto é, à emancipação e à proteção contra a desonra e o perigo que ela traz. Tão focados estavam seus corações na promessa de Deus, e tão firmes estavam em confiar na confiabilidade de Deus para entregar o que Deus prometeu, que preferiram uma vida inteira de privação de direitos aqui para perseverar na busca por uma pátria celestial melhor. Assim, o autor exorta os destinatários a imitarem seu exemplo e a preferirem o prêmio prometido por Deus à apostasia que forneceria o caminho mais seguro de volta ao favor e ao status dentro da sociedade descrente.

A recusa de estar em casa dentro do mundo manifesta sua lealdade a Deus e seu comprometimento com o chamado de Deus. O restante do espaço neste elogio à fé que o autor dá a Abraão e aos patriarcas se concentra na confiança se manifestando primeiro na convicção de que as promessas de Deus são mais poderosas do que a morte e, segundo, na disposição de olhar até além da morte para o cumprimento dessas promessas. Pela fé, Abraão, sendo testado, ofereceu Isaque, e aquele que havia recebido as promessas estava prestes a oferecer seu único filho em relação a quem foi dito de Isaque será chamada a sua descendência, considerando que Deus era poderoso para ressuscitar até mesmo dentre os mortos.

De onde, figurativamente falando, ele o recebeu de volta. De acordo com o pregador, a amarração de Isaac por Abraão foi um ato de confiança na incapacidade da morte de frustrar a determinação de Deus de cumprir as promessas de Deus. A esse respeito, este episódio se junta aos episódios de Abel, Enoque e a capacidade de Abraão de gerar filhos como prova da história de que a fé olha para a capacidade de Deus de transcender a morte para realizar o que Deus prometeu.

Este episódio é, claro, um marco na história de Abraão. A natureza do episódio como um teste de Abraão é destacada em Gênesis capítulo 22, versículo 1, assim como a pronta obediência de Abraão, que fez de Abraão o sinal supremo de fidelidade a Deus em toda a literatura do período do Segundo Templo. Conforme o pregador reflete sobre a história de Gênesis 22, ele passa a acreditar que Abraão foi capaz de prosseguir com a oferta de seu filho Isaque como sacrifício porque Abraão estava

confiante no poder de Deus para ressuscitar Isaque, mesmo dentre os mortos, e assim ainda cumprir a promessa de descendência por meio de Isaque.

A história, portanto, torna-se evidência da confiança de Abraão na irrevogabilidade da promessa de Deus, mais do que uma história sobre a disposição de Abraão de sacrificar a promessa por causa de sua obediência a Deus. Este episódio é seguido então por três exemplos muito breves envolvendo a transmissão da bênção através das gerações, bem como a orientação voltada para o futuro da pessoa que demonstra fé ou confiança. Pela fé, Isaque abençoou Jacó e Esaú, mesmo em relação às coisas que ainda estavam por vir.

Pela fé, Jacó, quando estava morrendo, abençoou cada um dos filhos de José e os adorou à cabeceira de seu cajado. Pela fé, José, ao passar, considerou em sua mente a saída dos filhos de Israel e deu ordens a respeito de seus ossos. A breve referência a Jacó aqui adorando à cabeceira de seu cajado é outro lugar em que o autor de Hebreus mostra sua familiaridade com o grego ou a tradução da Septuaginta de Gênesis.

No texto hebraico de Gênesis 47:31, lemos que Jacó se curvou à cabeceira de sua cama. A tradução da Septuaginta disso é que Jacó se curvou ou adorou à cabeceira de seu cajado. Isso é simplesmente o resultado da introdução de vogais diferentes sobre as letras da palavra hebraica para cama.

Mas isso deve ser bastante relevante para o autor de Hebreus, já que é a única coisa de toda a história de Jacó que o autor de Hebreus exalta. Esta imagem de Jacó, o peregrino perpétuo, adorando a Deus à frente de seu cajado, seu cajado de peregrino, significa a persistência de Jacó em abraçar sua identidade e reafirmar sua esperança como peregrino e peregrino até o fim de sua vida. A referência esparsa a José mostra o quão seletivo e intencional o autor é ao moldar este elogio.

Não há nada aqui sobre aquelas coisas pelas quais Joseph é mais conhecido — sua resistência à tentação, sua perseverança em meio às dificuldades e seu perdão aos irmãos. Temos apenas a menção de Joseph em seu leito de morte, pois isso permite ao autor continuar a destacar o que é mais relevante para seu retrato da fé em ação.

Mesmo no limiar da morte, José continuou a se orientar na esperança pelo cumprimento da promessa de Deus, sendo o êxodo do Egito o próximo passo em direção a esse cumprimento. José está tão certo dos atos futuros de Deus que dá instruções específicas sobre o local de descanso final de seus ossos. Dessa forma, José contribui para que o autor enfatize que a pessoa de fé é um peregrino.

José ainda entende, mesmo de sua posição exaltada no reino do Egito, que ele e toda a sua família ainda vivem meramente em um lugar de peregrinação e não têm um lar duradouro no Egito. Esta é a postura da fé, resistir à tentação de ver o lugar onde se

está como seu lar, como um lugar para finalmente se estabelecer e se misturar. Mesmo no exuberante Egito, José busca uma pátria celestial melhor.

A segunda figura a receber atenção detalhada neste encômio sobre a fé é Moisés. Pela fé, Moisés, depois de nascer, foi escondido por três meses por seus pais porque eles viram que a criança era talentosa, e eles não temeram o decreto do rei. Pela fé, Moisés, tendo crescido, recusou-se a ser chamado filho da filha do Faraó, escolhendo o maltrato junto com o povo de Deus em vez do prazer temporário do pecado porque ele estimou a reprovação de Cristo como sendo de maior valor do que os tesouros do Egito, pois ele estava olhando para a recompensa.

Pela fé, ele deixou o Egito para trás, sem temer a ira do rei, pois perseverou como alguém que vê o invisível. Assim como com Abraão e os patriarcas, o autor molda sua descrição da fé de Moisés para se adequar às necessidades da situação dos destinatários. A fama de Moisés como o doador da lei e mediador da aliança não é mencionada em lugar nenhum.

O que é central para a descrição da fé de Moisés feita pelo autor é sua renúncia a um lugar de honra aos olhos do mundo e sua escolha de solidariedade com o povo de Deus, mesmo que tal associação tenha trazido uma perda radical de status mundano e potencial de avanço. A primeira promulgação de Moisés é sua recusa em ser chamado de filho de uma filha do Faraó. De acordo com Filo e Josefo, dois quase contemporâneos do autor de Hebreus, Moisés era um membro da família real do Egito após sua adoção, sendo até mesmo visto como o herdeiro do trono do Egito.

No mínimo, Moisés ocupava um lugar de status e honra excepcionalmente altos. Com o Faraó como seu chefe de família, seu patrono e seu benfeitor, Moisés tinha o poder e o status de um governante de um grande reino e acesso aos tesouros do Egito. Mas Moisés renunciou a esse destino, um destino que era seu em virtude de ser um membro da cultura dominante descrente, sua herança terrena, em favor de uma nova herança espiritual que vinha de pertencer ao povo de Deus.

Ele deixou para trás as honras da realeza egípcia para se juntar a si mesmo como escravo, um povo do mais baixo status e sujeito a insultos e ultrajes físicos expressos aqui na palavra maus-tratos. A escolha que Moisés enfrenta, desfrutar do prazer temporário do pecado ou escolher maus-tratos junto com o povo de Deus, ressoa com as decisões que o público do pregador teve que tomar no passado, como o pregador descreveu no capítulo 10, versículos 33 e 34. As escolhas que Moisés fez também serão mantidas para imitação na situação atual da comunidade no capítulo 13, versículo 3, ou seja, continuar a mostrar solidariedade com aqueles que estão na prisão e aqueles que sofrem maus-tratos como se estivessem no corpo com eles.

O exemplo de Moisés é, portanto, muito importante para a exortação do autor a essa comunidade em particular. O prazer da corte egípcia, no entanto, é qualificado

por dois termos que sugerem sua falta de valor. É temporário em vez de permanente, então a herança dos fiéis é permanente e, portanto, tem maior valor do que até mesmo o desfrute das casas de tesouro do Egito.

Também é qualificado como pecado, como aquilo que separa alguém de Deus e o coloca em um lugar onde ele está sob o julgamento de Deus. Nesta passagem, o pecado é novamente apresentado de uma forma que sugere que o autor está mais interessado no pecado como o que acontece quando a comunhão com o povo de Deus é recusada ou descontinuada por conta da tentação de buscar um lugar ou prazer na sociedade de descrentes. O pecado ocorre quando alguém valoriza o valor da amizade de Deus menos do que a amizade do mundo quando alguém abandona o mau tratamento com o povo de Deus por uma questão de honra, como os inimigos de Cristo definem honra e concedem honra.

A escolha de Moisés é motivada por sua avaliação do valor respectivo dos tesouros e da reprovação de Cristo. Com seus olhos firmemente fixados na recompensa, ele descobriu que esta última, a reprovação do ungido de Deus, constituía um tesouro maior. A fé faz com que alguém avalie as realidades mundanas à luz das realidades eternas, de modo que até mesmo a reprovação e a desonra diante da corte do mundo, suportadas por conta de andar em obediência a Deus, podem ser transformadas no caminho para a honra diante da corte de Deus e ser ela própria valorizada como possuidora de maior valor do que os tesouros mundanos.

Em Hebreus 13 versículo 3, os destinatários também serão chamados a suportar a reprovação de Cristo em suas próprias circunstâncias. O exemplo de Moisés foi adaptado às necessidades pastorais do público para servir como um modelo para sua própria promulgação de fé. E essa adaptação pode ter levado o autor a retratar Moisés em algo como um conceito literário como fazendo a mesma avaliação que os destinatários devem fazer a respeito da reprovação de Cristo como sendo de maior valor do que o prazer temporário do pecado.

Assim como seus pais, Moisés também demonstra falta de medo da ira do rei e demonstra sua falta de consideração por aqueles que têm poder sobre a vida e a morte ao deixar o Egito para trás. Em Hebreus 11 versículo 27, há algum debate aqui sobre qual partida do Egito o autor tem em mente. É a partida de Moisés para Midiã depois de assassinar o egípcio? Ou é sua partida como chefe dos hebreus no próprio Êxodo? O autor provavelmente tem o último muito mais provável em mente porque a fuga de Moisés para Midiã foi de fato motivada precisamente porque ele temia a ira do rei, como se pode ler em Êxodo capítulo 2, versículos 14 e 15.

Também é o caso, no entanto, que os judeus do Período do Segundo Templo reescreveram a história de Moisés naquele ponto, tanto exonerando Moisés pelo assassinato quanto eliminando a covardia como motivo para sua fuga. O historiador do primeiro século Flávio Josefo escreve, por exemplo, que era o faraó que tinha

medo de Moisés e que buscava assassiná-lo. A partida de Moisés, portanto, torna-se meramente o ato de uma pessoa sábia que pensa em preservar sua vida, e a fuga se torna uma ocasião para ele exibir sabedoria e resistência.

Artaphanus , outro autor judeu do Período do Segundo Templo, também conta a história do ciúme e da tentativa de assassinato do faraó. De fato, é o assassino que Moisés mata, agora em legítima defesa. Então, o autor de Hebreus pode não associar naturalmente o medo à partida inicial de Moisés do Egito.

O ponto principal do autor, no entanto, é que Moisés deixou o Egito para trás, assim como Abraão deixou sua terra natal para trás e os destinatários deixaram seu lugar na sociedade para trás. A tentativa de decidir se essa foi a fuga para Midiã ou o êxodo em si é secundária à ênfase do próprio autor, e sua própria falta de clareza neste ponto pode mostrar sua falta de interesse em ser preciso. O foco do olho interior de Moisés aqui também é muito importante.

O autor diz que Moisés suportou como alguém que vê o invisível, talvez se referindo especificamente ao Deus invisível. Foi isso que permitiu a Moisés fazer as escolhas certas e suportar as dificuldades que essas escolhas acarretavam. Os destinatários são desafiados pelo exemplo de Moisés também a fixar seus olhos no invisível e a seguir inabalavelmente seu curso em direção ao reino inabalável.

O autor continua a considerar o exemplo de Moisés e segue de seu exemplo de confiança diretamente para a confiança em Deus demonstrada pelo povo de Israel no êxodo e na conquista, concluindo com o exemplo notável de Raabe, a estrangeira que reconheceu o desígnio de Deus para o povo de Deus e os inimigos de Deus e agiu sabiamente à luz do julgamento vindouro sobre Jericó. Pela fé, Moisés guardou a Páscoa e a aspersão do sangue para que o destruidor não matasse seus primogênitos. Pela fé, eles atravessaram o Mar Vermelho como se estivessem em terra seca, e quando os egípcios tentaram, foram engolidos.

Pela fé, os muros de Jericó caíram após terem sido cercados por sete dias. Pela fé, a prostituta Raabe não foi destruída junto com os desobedientes, pois ela acolheu os espiões em paz. O autor aqui começa pensando sobre a refeição da Páscoa como uma celebração antecipada de uma emancipação prometida por Deus, mas ainda não tornada real na esfera terrena pela aquiescência do Faraó.

Então, até mesmo a refeição da Páscoa em si é outro exemplo da orientação prospectiva da fé que celebra agora o que Deus ainda tem que fazer ou o que Deus prometeu fazer. A aspersão do sangue, uma referência a Êxodo 12, versículos 7, 13 e 21 a 23, foi um ato destinado a proteger o primogênito do destruidor, o anjo da morte, que ainda está para fazer seu caminho através do Egito, flagelando o Faraó tão completamente que o Faraó finalmente libertaria o primogênito de Deus, Israel. Tanto a refeição da Páscoa quanto a aspersão do sangue sobre os umbrais das portas

dos israelitas são feitas em confiança ou em fé porque ambas dizem respeito ao cumprimento vindouro de Deus das promessas de Deus.

O exemplo deles novamente fala claramente aos ouvintes, a quem o autor deseja convencer firmemente de que os atos futuros de Deus em seu favor e os atos futuros de Deus contra os ímpios mostrarão que seu curso foi o sábio. Na travessia real do Mar Vermelho, um evento relatado em Êxodo 14:21 a 31, encontramos outro ato extremo de fé. Andar entre duas paredes de água é, claro, um ato supremo de confiança, pois os hebreus colocam suas vidas completamente nas mãos de Deus.

É talvez no Mar Vermelho que a sabedoria da escolha de companhia de Moisés também é mais nitidamente manifestada. Naquele dia, o valor de pertencer ao povo de Deus foi vindicado. O Mar Vermelho se torna algo como um protótipo de julgamento escatológico junto com o dilúvio em Hebreus 11:7. Atravessar com sucesso o Mar Vermelho ou ser engolido pelo Mar Vermelho prefigura aquele dia final de julgamento que ao mesmo tempo significa salvação para os fiéis e destruição para aqueles que não lançaram sua sorte com o povo de Deus.

À medida que o autor muda da narrativa do Êxodo para a narrativa da conquista, ele olha para a demonstração de confiança demonstrada em Jericó, referindo-se à narrativa de Josué 6, onde Deus deu instruções e a garantia de que os muros de fortificação da cidade cairiam por um meio nada convencional. Confiando na promessa de Deus, as tropas de Josué passaram sete dias marchando ao redor da cidade, verdadeiramente um exercício de estupidez aos olhos do descrente. No entanto, a pessoa que confia nas promessas de Deus obedece a Deus e honra os mandamentos de Deus, mesmo que o senso comum diga que essa não é a maneira de vencer uma batalha.

Dentro dos muros de Jericó, Raabe percebeu que sua sobrevivência não estava dentro das fortificações de uma cidade terrena, mas em parceria com o povo de Deus. Quando os espiões hebreus se infiltraram na cidade para reunir informações, Raabe acolheu os espiões em seu apartamento. Sua história nos leva alguns passos para trás na narrativa de Josué, capítulo 2. Lá, Raabe fez uma surpreendente confissão de fé na promessa de Deus de dar aos hebreus a terra de Canaã, com base na qual ela escolheu se tornar uma traidora de sua cidade natal, dando hospitalidade e refúgio aos representantes do povo de Deus e se esforçando para mantê-los seguros e ajudá-los a escapar do perigo quando sua presença na cidade foi detectada.

Porque ela se une assim ao povo de Deus, somente sua família é poupada da destruição na ruína de Jericó. O exemplo de Raabe em Jericó reforça a visão de que toda cidade terrena é instável e impermanente. Como Jericó, eles podem cair pela palavra de Deus sem que uma única pedra seja atirada.

As cidades mundanas não têm fundamentos definitivos, e a atitude mais sábia que alguém pode tomar é buscar a paz com Deus, unindo-se ao povo de Deus para escapar da destruição que cairá sobre os desobedientes.